



Existe uma tendência

*Humberto Dantas*¹

Clichês do universo da análise política existem aos montes. Um dos principais está associado às pesquisas de intenção de voto. Dizem alguns, e não me isento desse universo: “pesquisa é uma fotografia do momento, ela expressa uma situação, um dado instante”. Naturalmente devemos reconhecer que uma sucessão de fotografias se transforma em filme, e esse documentário retrata a história e nos ajuda a entender uma dada realidade. Nesse texto não falaremos de uma sucessão de retratos da mesma paisagem, mas sim tentaremos olhar para múltiplos locais com o objetivo de perceber se tais fotos têm algo em comum.

Entre o início de outubro e o dia 23 um conjunto de pesquisas de intenção de voto foi divulgado em centenas de cidades. Nas capitais foi possível capturar um fenômeno que, faltando 20 dias para as eleições, nos mostra algo interessante: parece existir uma tendência para as eleições de 2020. Se em 2016 a lógica parecia estar associada à negação da política com louvor a características empresariais, que tiveram em João Dória Jr. e Alexandre Kalil símbolos relevantes, a história agora parece um pouco diferente. Mas que uma coisa fique evidente: estamos falando de um instante vivido faltando cerca de 20 dias para o pleito, e no começo de outubro sequer as campanhas estavam nas ruas. Assim, muita coisa pode mudar, mas essa coleção de fotografias nos ajuda a entender um pouco do que significa essa eleição atípica aos olhos da realidade pandêmica e de novas regras eleitorais.

A tendência mais marcante nas 26 capitais brasileiras é: reeleição de prefeitos. Isso faz com que alguns apressados digam que o povo quer experiência. Será mesmo? Alguns detalhes merecem atenção: as campanhas não foram às ruas com a mesma intensidade, o dinheiro não chegou em muitos lugares, a covid-19 arrefe-

ceu alguns ímpetos adversários, o estado de pandemia foi interpretado como lógica de exceção e os atuais mandatários puderam se manter sob os holofotes da mídia, e em algumas cidades, como Natal-RN, a Prefeitura proibiu carreatas utilizando o vírus como justificativa. Vamos então refazer a pergunta: trata-se de uma tendência natural ou de algo que coloca o eleitor sob aqueles sentimento de “sem opção”? Não tente responder com a sua cabeça sofisticada, afinal de contas se estás lendo esse texto provavelmente empresta à política atenção suficiente para encontrar opções. Mas pensemos no cidadão comum e na exposição à campanha. Os incumbentes talvez acumulem mais vantagens, naturalmente podem estar fazendo bons trabalhos e lideram em: Aracaju-SE, Belo Horizonte-MG, Campo Grande-MS, Curitiba-PR, Florianópolis-SC, Natal-RN, Palmas-TO, Porto Velho-RO e São Paulo-SP, ou seja, em mais de um terço das capitais. Nesse conjunto destacam-se alguns fenômenos interessantes.

O primeiro deles o surgimento da figura do vice eleito em 2016: Bruno Covas estava na chapa do titular João Dória, ambos do PSDB; Cinthia Ribeiro (PSDB) era vice de Carlos Amastha (PSB); e Álvaro Dias (hoje no PSDB) estava na chapa de Carlos Eduardo (PDT) em Natal. Completaria essa lista, mas sem liderar as pesquisas, a atual prefeita de Rio Branco, no Acre, Socorro Neri (PSB) eleita na chapa de Marcus Alexandre (PT) – em pesquisa recente ela está tecnicamente empata com o líder das pesquisas. Em comum todos herdaram o poder quando seus titulares se afastaram da função para concorrerem ao governo dos seus estados em 2018, sendo que apenas em São Paulo o gesto foi bem-sucedido.

¹ Humberto Dantas – cientista político, doutor pela USP e parceiro da KAS



Outro fenômeno importante está associado à troca de partido. Por exemplo: em Curitiba, Greca foi eleito pelo PMN e se filiou ao DEM em 2019; em Belo Horizonte, Kalil foi eleito pelo PHS e hoje está no PSD; em Natal, Dias era originalmente do PMDB, e está no PSDB; em Aracaju, Edvaldo Nogueira foi escolhido pelo PC do B, onde esteve durante bastante tempo, e agora está no PDT; em Florianópolis, Gean Loureiro foi eleito pelo PMDB e está no DEM. Curiosamente ninguém está no PSL, mesmo a partir do enriquecimento substantivo do partido no pleito de 2018. A legenda não lidera a corrida em nenhuma capital, a exemplo do PT, adversário no pleito que consagrou Bolsonaro. A polarização não faz sentido nas cidades ou dá sinais de se arrefecerem as radicalidades? As duas hipóteses não são excludentes e merecem atenção.

Seguindo na análise, existem locais onde os incumbentes não podem se reeleger, mas ofertam apoio a seus pretendentes sucessores que lideram as intenções de voto. Em Recife, o filho de Eduardo Campos, o deputado federal João Campos (PSB), tem o respaldo de parte da rachada família e do prefeito Geraldo Júlio. Em Salvador, o vice de ACM Neto, Bruno Reis (DEM), lidera com boa margem. Em Boa Vista, o vice de Teresa Surita, Arthur Henrique (PMDB), aparece na dianteira. Em Vitória, o deputado estadual Gandini (Cidadania), foi secretário municipal e conta com o apoio do prefeito. Somados aos prefeitos líderes, temos 50% de capitais com semblante de continuidade associada ao atual mandato.

Nas demais capitais outro fenômeno emerge: ex-prefeitos buscando a cadeira. Alguns lideram, como o deputado federal Edmilson Rodrigues (PSOL), em Belém. Ele governou a cidade por oito anos (1997-2004), e nos últimos pleitos tem aparecido bem nas pesquisas sem converter isso em vitória. Em Manaus, a liderança é do eterno Amazonino Mendes (Podemos), mas a despeito de seus 25% de eleitores, ele carrega mais de 40% de rejeição. No Rio de Janeiro é Eduardo Paes (DEM) quem está na dianteira, contra uma esquerda fragmentada e um prefeito com quase 60% de rejeição. Em Goiânia, Maguito Vilela (PMDB), que já governou o estado e a vizinha Aparecida de Goiânia, busca substituir Iris Rezende, que desistiu da reeleição – caso único nas capitais. Sem liderarem, mas com chances de irem ao segundo turno, aparecem dois petistas: em Vitória João Coser e em Fortaleza a deputada federal Luizianne Lins (PT). Em Porto Alegre uma chapa completa de outrora divide votos. Em 2012, Sebastião Melo era vice do eleito José Fortunati, e ambos estão tecnicamente empatados com mais dois adversários pelo segundo lugar.

Para fecharmos a série de fotografias, cidades onde existe uma disputa extremamente renhida, casos de João Pessoa-PB, onde quatro concorrentes, entre eles políticos famosos e consagrados em outrora pelas urnas, aparecem. Este também é o caso de Macapá, onde o eterno Capiberibe lidera com menos de 20% dos votos, mas tem quase 60% de rejeição. Como “novidades” no pleito, algumas cidades trazem na liderança (ex-)parlamentares ou ex-secretários. Muitos deles foram derrotados em outrora, e na lista temos a ex-deputada e vice na chapa de Fernando Haddad em 2018, Manuela D’Ávila (PC do B) em Porto Alegre; o deputado federal Capitão Wagner (Pros) em Fortaleza-CE; o vereador Abílio Júnior (Podemos) em Cuiabá; o deputado federal JHC em Maceió-AL, empurrado com um ex-secretário de segurança do MDB, Alfredo Gaspar. Em Rio Branco, Minoru (PSDB), que teve o coordenador da campanha assassinado no final de outubro, está na frente; em São Luís-MA, o deputado federal Eduardo Braide (Podemos) não parece ter adversários; e em Teresina-PI, o vereador Dr. Pessoa, que já foi derrotado na busca pelo comando da capital (2016) e do estado (2018), lidera.

Incumbentes em situações difíceis aparecem, principalmente, em Porto Alegre, onde Marchezan (PSDB) pode ficar fora do segundo turno e carrega rejeição perto dos 40 pontos, e em Cuiabá, onde Emanuel Pinheiro, imerso em escândalos, tem 20% dos votos e 55% de rejeição. Que venha o dia 15 de novembro, e em grande parte desses casos, o segundo turno em 29/11.

As opiniões externadas nesta publicação são de exclusiva responsabilidade de seus autores. Não são necessariamente opiniões da Fundação Konrad Adenauer.